

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



**CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS**



**HASTA AHORITA SE GRADUARÁ: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O USO DA
PREPOSIÇÃO HASTA NO ESPANHOL AMERICANO**

THAYANE CORREIA LIMA

**RIO DE JANEIRO
2024**

THAYANE CORREIA LIMA

**HASTA AHORITA SE GRADUARÁ: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O USO DA
PREPOSIÇÃO HASTA NO ESPANHOL AMERICANO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras Português e
Espanhol

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Jr.

RIO DE JANEIRO
2024

CIP - Catalogação na Publicação

L732h Lima, Thayane Correia
Hasta ahorita se graduará: revisão de literatura sobre o uso da preposição hasta no espanhol americano / Thayane Correia Lima. -- Rio de Janeiro, 2024.
39 f.

Orientador: Roberto de Freitas Jr.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Espanhol, 2024.

1. Preposição . 2. Hasta americano . 3. Espanhol americano. 4. Hasta. I. Freitas Jr, Roberto de, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

THAYANE CORREIA LIMA

DRE: 114086742

HASTA AHORITA SE GRADUARÁ: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O USO DA PREPOSIÇÃO HASTA NO ESPANHOL AMERICANO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras Português e Espanhol

Data de avaliação:	
Banca examinadora:	
_____	Nota:
Prof. Dr. Roberto de Freitas Jr. (Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras – Faculdade de Letras/ UFRJ)	
_____	Nota:
Prof. Dr. Luciano Prado da Silva (Professor Adjunto do Setor de Didática e Prática de Ensino de Português-Espanhol, Departamento de Didática – Faculdade de Educação/ UFRJ)	
	Média:

Assinatura dos avaliadores:

Dedico este trabalho ao meu irmão Leandro. Gostaria que pudesse ter tido a oportunidade, caso você quisesse obviamente, de escrever uma monografia também.

AGRADECIMENTOS

Quando eu pensava sobre o que escreveria nos agradecimentos da minha monografia, imaginava, em parte brincadeira em parte verdade que só a agradeceria a mim. Afinal, teria me feito pessoa sozinha, então não estaria em dívida com ninguém. Não me levem a mal, leitores — se é que vocês vão existir. Eu não era narcisista; só iludida por uma autopercepção mal feita, mas que me foi necessária.

Como esta é uma seção de agradecimentos e não uma sessão de terapia, evitarei mais detalhes ou exposições, porém a verdade é que já faz um tempinho que percebi que nem as pessoas nem os textos se fazem sem a contribuição dos Outros. Por essa razão, entendo ter mais a agradecer a terceiros e bem menos a mim.

A quem segue lendo, obrigada por relevar o meu desejo de fazer crônica sem ter a mais mínima habilidade, e aos agradecidos, que fique claro: a ordem de aparição dos nomes não é hierarquia de importância ou preferência.

Aos meus pais pela paciência de esperar todo esse tempo para que eu finalmente me formasse. Foram fingidamente mais pacientes do que eu merecia, reconheço.

Aos bons colegas que passaram momentaneamente pela minha vida acadêmica e aos *crushs* da UFRJ que embelezaram o lugar. Ao Peterson pela sua amizade em todo o percurso, pelas risadas e pelas conversas.

À Taline Wu por ter sido a minha psicóloga no momento mais crítico da minha vida, aquele que me fez trancar o curso. Obrigada por ter insistido em alguém tão inconstante nas idas à terapia quanto eu fui; você não sabe o quanto essa insistência me fez sentir que eu “valia a pena”, além de passar a estar menos ansiosa. Eu, que já me dava como caso perdido, passei a me dar importância e a gostar de quem sou graças ao seu trabalho. E te agradeço imensamente pela generosidade de continuar a me tratar, mesmo que por um valor abaixo do justo.

À professora Elena Palmero por sua empatia, compreensão e ajuda num momento tão difícil.

Ao professor Luciano Prado por sua compreensão e por me dar a oportunidade de fazer e de concluir o estágio.

Às professoras Mariana e Clarice por me receberem tão bem como estagiária; às colegas de estágio e aos alunos de cada turma que acompanhei.

Ao professor Roberto de Freitas a quem conheci numa disciplina eletiva de introdução ao Funcionalismo, por me orientar e por me ajudar nesta monografia; também pela paciência e pela segunda chance dada.

Os objetos só têm sentido quando têm sentido, fora disso... Eles precisam ser olhados, manuseados. Como nós. Se ninguém me ama, viro uma coisa ainda mais triste do que essas, porque ando, falo, indo e vindo como uma sombra, vazio, vazio. É o peso de papel sem papel, o cinzeiro sem cinza, o anjo sem anjo, fico aquela adaga ali fora do peito. Para que serve uma adaga fora do peito? — perguntou e tomou a adaga entre as mãos.

Lygia Fagundes Telles

Con alivio, con humillación, con terror, comprendió que él también era una apariencia, que otro estaba soñándolo.

Jorge Luis Borges

RESUMO

A preposição do espanhol *hasta* tem sido tema de muitas discussões, seja por sua evolução a partir do árabe *hattá*, cujas etapas não estão totalmente esclarecidas, seja por seu uso não-padrão, que contraria o dela esperado: a indicação de limites temporais. Esse desvio à norma identificado em algumas variedades americanas é o que suscita o interesse e o que move a realização deste trabalho monográfico em forma de revisão de literatura. Aqui, reunimos, resumimos e comparamos artigos e ensaios sobre o genericamente denominado “*hasta* americano”, excluindo, como parte da metodologia, as pesquisas que versam exclusivamente sobre variedades nacionais, por elas estarem em menor número e/ou em difícil acesso. Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos textos em plataformas de busca simples e científicas, nacionais e internacionais, tendo sido mais promissoras as últimas. Nossa revisão, ao final, consta de cinco textos, entre artigos, ensaio e capítulo de livro, de Dominicy (1982), Lope Blanch (1990), Miyoshi (2006), Caravedo (2011) e Miyoshi (2015). Ao analisarmos e compararmos os textos, verificamos que, sobre a preposição do espanhol *hasta*, há aproximações entre os textos, mas também divergências quanto à origem, à estrutura da qual se teria originado e aos valores que se lhe podem atribuir.

Palavras-chave: Preposição; *hasta*; *hasta* americano; espanhol americano.

RESUMEN

La preposición *hasta* del español ha sido tema de muchas discusiones no solo por su evolución desde el árabe *hattá*, cuyas etapas no se encuentran totalmente aclaradas, sino también por su empleo no-estándar, lo que está en contra de lo esperado: el indicador de límites temporales. Esta desviación de la norma identificada en algunas variedades americanas es lo que despierta nuestro interés y lo que impulsa este trabajo monográfico en forma de revisión bibliográfica. Aquí reunimos, resumimos y comparamos artículos y ensayo acerca del denominado, en forma genérica, “hasta americano”, con exclusión de las investigaciones que únicamente versan sobre variedades nacionales, puesto que dichas pesquisas son poco numerosas y difíciles de acceder. Para desarrollar nuestra investigación, buscamos textos en sitios de búsqueda rápida y científicas, nacionales y extranjeras, y obtuvimos como resultado que la segunda es la más prometedora. Nuestra revisión, al fin y al cabo, consta de cinco textos — artículos, ensayo y capítulo de libro, de Dominicy (1982), Lope Blanch (1990), Miyoshi (2006), Caravedo (2011) y Miyoshi (2015). Tras analizar y comparar los textos, verificamos que, con respecto de la preposición española *hasta*, los textos se acercan entre sí, pero, a la vez, se alejan en cuanto al origen, estructura de la que se hubiera originado y valores que se le puede asignar.

Palabras-clave: Preposición; hasta; hasta americano; español americano.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DPD	Diccionario Panhispánico de Dudas
JSTOR	Journal STORAge
NGLE	Nueva Gramática de la Lengua Española
UNAM	Universidad Nacional Autónoma de México

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1	<i>Me habló hasta llegar a casa.</i>	14
Figura 2	<i>Trabajé hasta las cuatro.</i>	14
Figura 3	<i>No trabajo hasta las cuatro.</i>	15
Figura 4	<i>Trabajo hasta las cuatro.</i>	15
Figura 5	<i>No ha hablado hasta ahora I</i>	19
Figura 6	<i>No ha hablado hasta ahora II</i>	19
Figura 7	Reprodução, Dominicy (1982)	20
Figura 8	Cruzamentos I e II	21
Figura 9	Generalização	21
Figura 10	Descrição da mudança linguística. Alguns exemplos	21
Figura 11	Hasta padrão + restrição	22
Figura 12	Hasta restritivo + complemento de tempo	23
Figura 13	Esquema I. Hasta prepositivo	26
Figura 14	Esquema II, Miyoshi (2006)	27
Figura 15	Esquema de elaboração própria I	28
Figura 16	Esquema de elaboração própria II	28

Quadros

Quadro 1	Exemplos I	25
Quadro 2	Exemplos II	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. METODOLOGIA.....	17
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	19
3.1 Dominicy (1982).....	19
3.2 Lope Blanch (1990).....	24
3.3 Miyoshi (2006).....	26
3.4 Rocío Caravedo (2011).....	29
3.4.1 <i>Sobre a variação de tipo polissêmico de hasta</i>.....	30
3.5 Miyoshi (2015).....	32
4. ANÁLISES.....	34
4.1 Sobre as origens históricas.....	34
4.2 Sobre estruturas linguísticas e valores.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39

1. INTRODUÇÃO

Derivada do árabe *hattá*, ainda se tem discutido o percurso das mudanças fonéticas que teriam dado origem à forma **hasta** em espanhol (Sánchez¹, 2003). Não menos frutíferas têm sido as investigações de ordem diacrônica ou sincrônica sobre os usos e significados que tal vocábulo teve/tem.

No momento da escrita desta monografia, se tomamos, primeiramente, dois dos principais instrumentos normativos do espanhol, *Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE) e *Diccionario Panhispánico de Dudas* (DPD), verificamos que, sendo advérbio, hasta tem “el sentido de ‘incluso’ [...]: *hasta por tu padre haría eso*”²; como preposição, marca limites temporais, indicando “[e]l límite de una acción, un proceso o situación”³, como em *Dormimos hasta las once*⁴, ou limites espaciais, como *Te llevaré hasta tu casa*⁵. E, embora reconheçam que, em certas zonas hispano-americanas, a oração *Se abre hasta las tres*⁶, por exemplo, poderia aportar dois significados distintos⁷, argumentam a existência de negação implícita do verbo em um deles — portanto, *(no) se abre hasta las tres* — reforçando o uso de *hasta* apenas como um indicador de limite temporal/espacial. As hipóteses e dados apresentados na NGLE e no DPD carecem de referências explícitas nas suas páginas, mas podem ser recuperados se buscarmos as fontes e os autores.

É em meados do século XIX que pela primeira vez se constata um uso distinto ao normativo. Em *Apuntaciones sobre el lenguaje bogotano*, Rufino Cuervo descreve em linhas breves a interpretação ambígua dos bogotanos às orações afirmativas com *hasta* seguido de complemento temporal, sugerindo aos leitores evitá-las. Segundo o autor, as ações delimitadas por *hasta* ocorreriam em um período de tempo anterior, sem coincidir ou ultrapassar ao do seu complemento. Nos próprios exemplos e comentários do autor, em figura 1, *me habló hasta llegar a casa* e figura 2 *trabajé hasta las cuatro*, “el hablar y el trabajar se verifican antes de llegar a la casa y de ser las cuatro” (Cuervo, 1867-1872, p. 218)⁸:

¹ As citações desta monografia estão de acordo com a ABNT NBR 10520: 2023.

² Acepção terceira do DPD para a entrada hasta. Tradução nossa: até pelo seu pai, eu faria isso.

³ NGLE, pág. 569, 29.4.3k.

⁴ Dormimos até às onze horas.

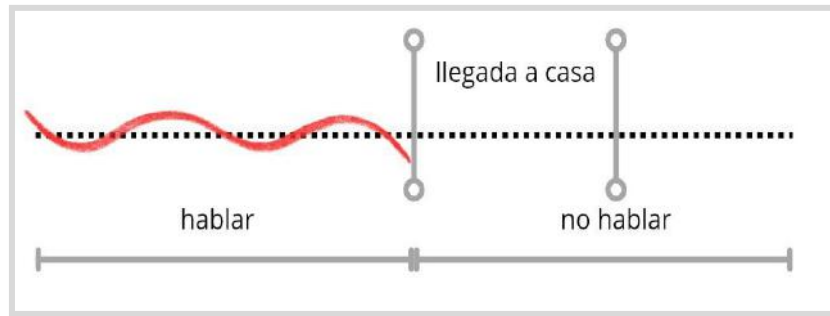
⁵ Vou te levar até a sua/ a tua casa.

⁶ Exemplo retirado do DPD 2ª edição *on-line*. Em: [hasta | Diccionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE](#).

⁷ Duas possíveis traduções: (a) Ficamos abertos até as três; (b) Abrimos a partir das três.

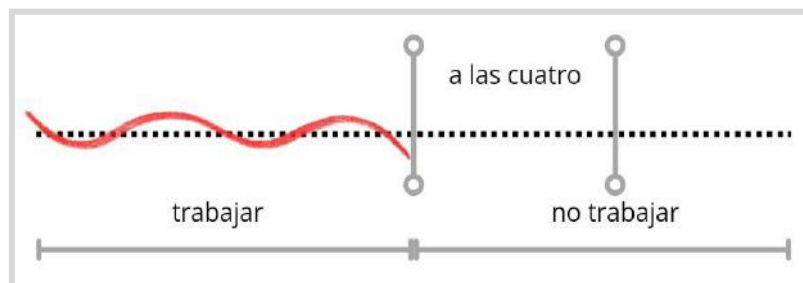
⁸ Falar e trabalhar ocorrem antes de chegar em casa e antes de ser às quatro (horas). (Tradução nossa)

Figura 1: *Me habló hasta llegar a casa.*



Fonte: Elaboração própria.

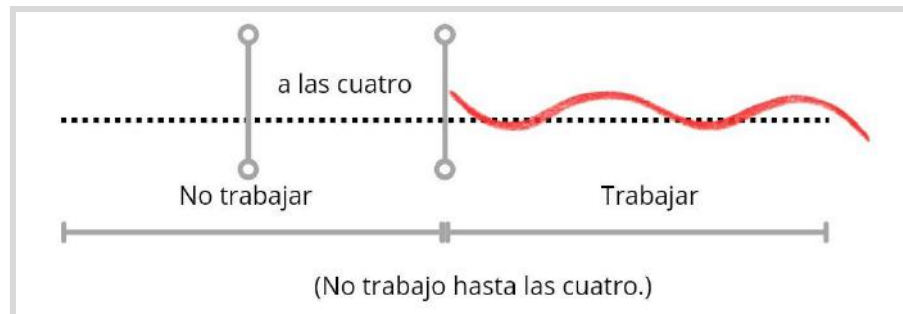
Figura 2: *Trabajé hasta las cuatro*



Fonte: Elaboração própria.

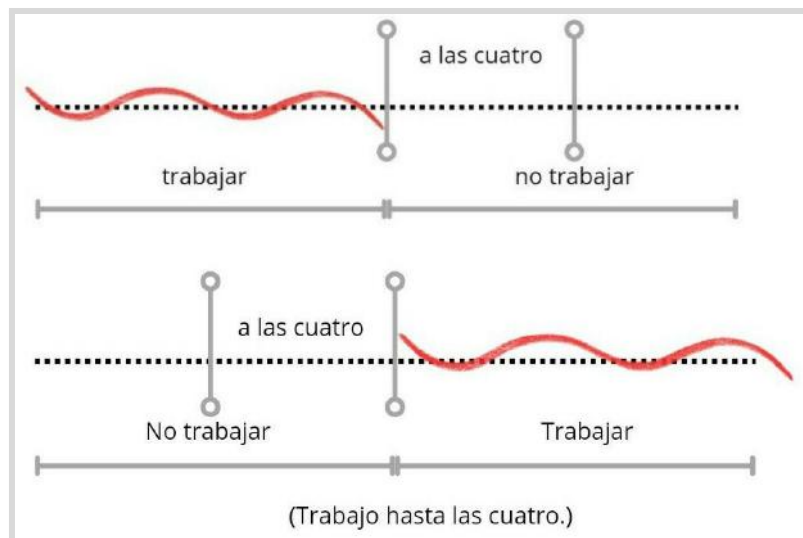
Na figura 1 e na figura 2, temos dois exemplos em que a preposição é índice de um limite temporal. Na primeira, a ação de falar (*hablar*) é durativa, mas transcorre e também termina em um período de tempo anterior àquele que complementa a preposição - no caso da primeira oração, *llegar a casa*. Em outras palavras, na figura, “alguém” fala durante um indeterminado curso temporal, mas conclui essa ação antes de iniciar a outra, a “chegada à casa”. Na segunda figura, é a ação de trabalhar que é durativa, também transcorrendo por um período de tempo indeterminado, mas que, certamente, é concluído antes das quatro horas.

Com a negação do verbo, teríamos, por sua vez, o inverso; a de que a ação só se iniciará e transcorrerá a partir de algum momento posterior ao indicado pelo complemento prepositivo. Na figura 3, temos um exemplo:

Figura 3: *No trabajo hasta las cuatro.*

Fonte: Elaboração própria.

Entretanto, Cuervo (1867-1872)⁹ atesta que os bogotanos omitem a negação, principalmente se *hasta* está anteposto ao verbo, o que poderia explicar o motivo de tal omissão. Em Bogotá, *hasta las cuatro, trabajo*, poderia tanto significar que a ação de trabalhar se prolonga até, mas antes das quatro ou depois das quatro. Assim, temos duas possíveis leituras:

Figura 4: *Trabajo hasta las cuatro.*

Fonte: Elaboração própria.

Na figura 4, tentamos representar as duas possíveis interpretações para a mesma oração. Em *Trabajo hasta las cuatro*, de acordo com a interpretação representada no esquema superior, a ação de trabalhar se prolonga e conclui-se antes das quatro horas, já no esquema inferior, a mesma oração indica que a ação só tem início em algum momento após às quatro.

⁹ A edição fac-símile da obra registra as duas datas.

Em *Observaciones sobre la sintaxis del español hablado en México* (1953) e em *El estado actual del español de México*, Lope Blanch constata o mesmo uso não-canônico; porém, apenas em *Precisiones sobre el uso mexicano de la preposición hasta* (1990) é que o autor se dedica melhor a estudá-lo, oferecendo a sua hipótese à questão. Uso, a princípio semelhante ao mexicano, ocorreria no Chile¹⁰, na América Central, no Peru e na Colômbia (Aleza Izquierdo; Enguita Utrilla, 2010, p. 198), sendo por vezes tratado como um caso geral de “americanismo”. E esta monografia (pretensiosamente) tentará contribuir para essa discussão ao reunir, descrever e cotejá-los.

O nosso trabalho segue a seguinte estrutura: esta introdução; a seção dois, na qual apresentamos a nossa metodologia - o processo de buscas, as obras utilizadas e os critérios de inclusão ou exclusão de textos; a seção três, na qual estará o resumo de cada obra selecionada; a seção quatro, na qual se fará o cotejo entre elas e a seção cinco, das considerações finais.

Nosso objetivo geral é revisar parte da literatura acerca de *hasta* no espanhol americano. Já os objetivos específicos são: (a) selecionar a bibliografia produzida ao longo do tempo sobre o *hasta* dito “americano”, (b) descrever as análises dos autores e (c) identificar convergências e divergências entre as ditas análises.

¹⁰ DeMello (1992) encontrou apenas uma ocorrência em Santiago de Chile do que denominou *hasta-negativo*. Cf. DEMELLO, George. *Hasta = No Hasta/ Hasta No = Hasta en el Español Hablado de Once Ciudades*, 1992.

2. METODOLOGIA

Nesta breve seção, discorreremos sobre como foi feita a busca e seleção dos textos, e os critérios para inclusão ou exclusão em nossa pesquisa; as palavras-chave e os repositórios utilizados.

Para ter acesso aos primeiros textos que poderiam contribuir com nossa investigação, partimos de *La lengua española en América: normas y usos actuales* (2010), foi esta obra, disponibilizada gratuitamente para download pela Universitat de València, que nos deu a conhecer o fenômeno do *hasta*, ainda que de forma resumida. A partir de tal livro, pesquisamos algumas das referências dadas, como o ensaio de Dominicy (1982), o artigo de Lope Blanch (1990), o de Montes (1986) e o de Carrasco (1991). O primeiro, numa busca simples pelo nome de autor e título no buscador Google, encontramos disponível para download no repositório Fundación Dialnet, mantido pela Universidad de La Rioja; já o segundo, como parte de um livro coletânea de artigos de Lope Blanch, intitulado *El Español Americano* (2008), na Biblioteca Daniel Cosío Villegas, repositório online de El Colegio de México. Os artigos de Montes (1986) — *Aspectos semánticos de “hasta” en el español de México* e de Carrasco (1991) — *La evolución mexicana de “hasta”: perspectivas diacrónicas y sincrónicas*, por estarem disponíveis somente em atas de congressos, as quais não tivemos acesso, foram excluídos de nossa revisão. Por essa mesma razão, o recorte da nossa pesquisa está sobre o espanhol americano, e não somente sobre o mexicano (ou sobre qualquer outra variedade nacional).

Ainda sobre essas referências iniciais, precisamos esclarecer o critério que nos levou a incluir em nossas análises o texto de Lope Blanch, *Precisiones sobre el uso mexicano de la preposición hasta*. A primeira parte do texto traz as observações e hipóteses a respeito do que o autor chama “fenômeno sintático mexicano” (Lope Blanch, 1990, p. 47), entretanto, admite em nota que o faz por comodidade para aquele texto, já que acredita tratar de um fenômeno mais extensivo de outras variedades americanas, cuja virtualidade estava inscrita no sistema. Por conseguinte, apesar de haver no título o termo “mexicano”, o artigo está incluso em nossa bibliografia.

Buscamos, em seguida, por meio de palavras-chave como *preposición, preposiciones, preposição, hasta, espanhol, español*, sem filtros adicionais, em repositórios brasileiros como Pantheon UFRJ, no SciELO Brasil, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, na

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, sem contudo obtermos resultados relativos à nossa busca e ao nosso tema¹¹.

Em passo seguinte, fizemos uma busca simples por *hasta* em repositórios estrangeiros, como o já citado, Fundación DialNet, SciELO.Org (mais abrangente que o Scielo Brasil), JSTOR, Repositório Institucional de la UNAM e no site da revista *Anuario de Letras, Lingüística y Filología de la UNAM* — os dois últimos por supormos que, pela alta frequência de uso do *hasta* “anômalo” no espanhol no México, obteríamos resultados, o que se mostrou verdadeiro.

A partir do repositório de revistas JSTOR, selecionamos para o nosso trabalho o capítulo de livro de Caravedo (2011), *Polisemia o variación: el caso de hasta en español* e publicados em *Anuario de Letras*, da UNAM os artigos de Miyoshi (2006), *Sobre el uso peculiar americano de hasta* e Miyoshi (2015), *Nueva reflexión sobre el uso particular americano de hasta*, no qual o linguista revisa a teoria apresentada no primeiro.

¹¹ A título de curiosidade, dos poucos trabalhos encontrados nessas plataformas, a maioria tinha relação com estudos sobre a aprendizagem de espanhol como L2 por falantes de português brasileiro como L1.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção apresentaremos os textos selecionados e um panorama das hipóteses neles desenvolvidas.

3.1 Dominicy (1982)

Dominicy, em ensaio publicado em 1982, além de analisar estudos diacrônicos acerca do *hasta* e hipóteses que tentam dar conta desse fenômeno. Em sua introdução, compara orações construídas com a preposição espanhola a possíveis traduções ao francês, para apontar uma ambiguidade lexical de *hasta*: de natureza escalar, ao ser seguida de complemento temporal, ela pode tanto incluir o termo final dessa escala (figura 6), — um **hasta-inclusivo**, bem como pode excluí-lo (figura 5) — um **hasta-excludente**¹². Este seria, portanto, ao qual se referiu Cuervo e ao qual também se dedica Dominicy. Para exemplificá-los:

Figura 5. *No ha hablado hasta ahora I.*



Fonte: Elaboração própria.

Figura 6. *No ha hablado hasta ahora II*



¹² Traduzimos exclusivo, do espanhol, para excludente, em português.

Fonte: Elaboração própria.

Para alguns estudiosos, entre eles Lope Blanch, a gênese do *hasta-excludente* já estaria presente em textos medievais espanhóis desde o século XII, entretanto Dominicy declina essa hipótese: reanalisa os excertos de textos medievais dos quais “[...] obtendremos una traducción satisfactoria si suponemos, con Dutton y Vårvaro, que *hasta* significa aquí ‘dentro de’, ‘antes’”¹³ (p. 49) e defende que **hasta-excludente** passa a ter registros escritos, em maioria mexicanos, não antes do XIX, cujo valor semântico é restritivo (p.69).

O hispanista nos apresenta duas linhas de justificativas, uma sincrônica e outra diacrônica. Sincronicamente, tenta demonstrar que *hasta* teria valor semântico restritivo tanto com complementos temporais quanto complementos locativos¹⁴:

“**Hasta entonces creía advertir que ambas mujeres se parecían mucho**”.

“**Vino a llorar hasta aquí, arrimada a su madre**”. (Juan Rulfo);¹⁵

Em seguida, argumenta que a preposição pode vir antecédida por *solo/solamente* (ambas restritivas), sem que com isso *hasta* perca seu valor restritivo. Tal redundância se justificaria por um princípio mais geral encontrado não só no latim, bem como nas línguas neolatinas. Assim, como vemos na figura 7:

Figura 7. Reprodução, Dominicy (1982).

<p>[<i>hasta</i>] [<i>hoy</i>] restricción + complemento de tiempo</p>	→	<p>[<i>sólo/solamente hasta</i>] [<i>hoy</i>] restricción + complemento de tiempo</p>
--	---	---

Fonte: Adaptado de Dominicy (1982).

Finalmente, tenta demonstrar que o *hasta* restritivo compartilha algumas propriedades semânticas com outros termos restritivos, como *apenas*, *ya* e *recién*, podendo substituí-los em alguns contextos, visto que a preposição possui menor “flexibilidade” sintática e semântica (p.72).

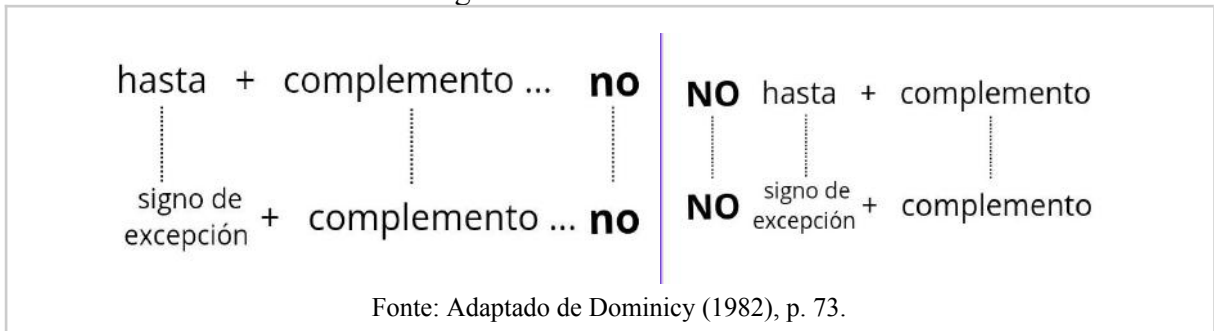
¹³ Obteremos uma tradução satisfatória, se supusermos, como Dutton e Vårvaro, que *hasta*, aqui, significa, “dentro de” ou “antes. (Tradução nossa)

¹⁴ Ambos exemplos retirados de Dominicy (1982).

¹⁵ Segundo o valor restritivo proposto por Dominicy (1982), essas orações poderiam ser traduzidas de seguintes formas: somente naquele momento, achei ter notado que as duas mulheres se pareciam muito./ Ela veio chorar exatamente aqui, próxima da sua mãe.

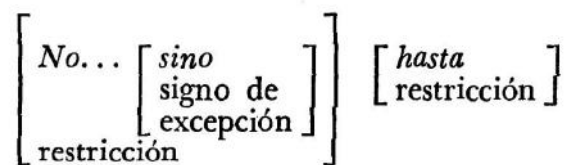
Para a evolução diacrônica que teria dado origem ao valor restritivo, são apresentados três fatores. O primeiro deles tem por primeira etapa uma equivalência semântica entre estruturas sintaticamente similares, quando não paralelas por completo. Em seguida, apresentamos duas ilustrações baseadas nas apresentadas pelo autor, p. 73 do ensaio, reformuladas por acreditarmos que estariam mais claras.

Figura 8: Cruzamentos I e II



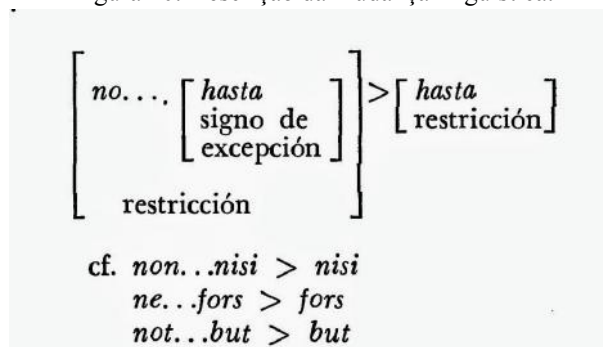
O cruzamento dessas estruturas e a equivalência semântica estabelecida entre elas teriam dado origem à <**no... sino + hasta + complemento temporal**> (1982, p. 75), no século XIX, e a partir desta dois poderiam ter sido o caminho que teria desembocado no *hasta* restritivo: ou um processo de simples generalização (figura 9) ou um processo de mudança mais longo (figura 10) e que afetou o latim, o francês e o inglês (1982, p. 76-77), sendo este ao qual se inclina mais Dominicy:

Figura 9. Generalização. Por Dominicy (1982).



Fonte: Adaptado de Dominicy (1982)

Figura 10. Descrição da mudança linguística.



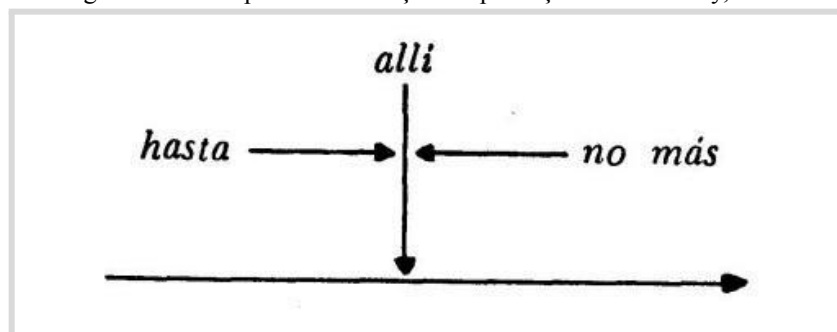
Fonte: Adaptado de Dominicy (1982).

O segundo que teria contribuído com essa mudança lingüística seria o uso de *hasta* com valor de *por fin* ou *finalmente*, valor este favorecido por certos contextos. Para exemplificar como isso teria ocorrido, retiramos alguns exemplos do ensaio: “— *No, se fue al pueblo a lavar una ropa. — ¿Y hasta cuando vuelve?*”¹⁶; “*Y se preguntaba hasta cuándo terminaría aquello*”¹⁷. Como se pode notar a combinação <**hasta cuándo**>, além do emprego de verbos como *acabar* ou *terminar*, marcam a noção de fim de algum processo, e embora esses tenham sido exemplos do século XX, a equivalência da preposição com *por fin/finalmente* teria ocorrido no século anterior (*ibid.*, p. 80). Mesmo não tendo um papel determinante para o desenvolvimento do valor restritivo, haveria uma relação entre eles (Dominicy, 1982, p. 82):

No negaremos, evidentemente, que el fenómeno que acabamos de describir tenga una relación sistemática con el empleo restrictivo de *hasta*. En efecto, los adverbios análogos a *por fin*, *finalmente* pueden expresar un matiz de retraso que caracteriza frecuentemente los grupos “restricción + complemento de tiempo”.¹⁸ (Dominicy, 1982, p. 82)

Como último fator da mudança lingüística, temos a expressão <(y) **no más**> ou <**más no**>. Assim como o *hasta* de valor inclusivo modifica um complemento, que indique o final de uma série (*ibid.* p. 83), nas variedades americanas, há construções recorrentes <**hasta**¹⁹...**no más**>, cujo valor parece ser de restrição também. Comparadas, teremos estruturas semelhantes, representadas na figura 11 e na figura 12:

Figura 11. Hasta padrão + restrição. Reprodução de Dominicy, 1982.



Fonte: Adaptado de Dominicy (1982).

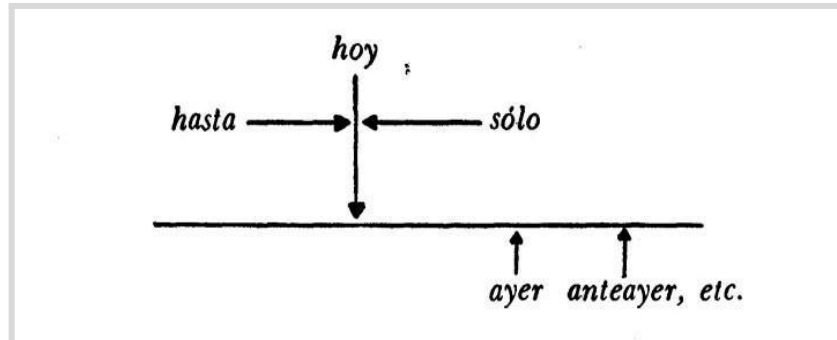
¹⁶ García Roel *apud* Dominicy, 1982.

¹⁷ Juan Rulfo *apud* Dominicy, 1982.

¹⁸ Não negaremos, evidentemente, que o fenômeno que acabamos de descrever possa ter uma relação sistemática com o uso restritivo de *hasta*. De fato, os advérbios análogos a *por fin*, *finalmente* podem expressar uma nuance de atraso que caracteriza frequentemente os grupos “restrição + complemento temporal”. (Tradução nossa)

¹⁹ Para Dominicy, neste caso, *hasta* não é restritivo, mas padrão.

Figura 12. Hasta restritivo + complemento de tempo. Reprodução de Dominicy, 1982.



Fonte: Adaptado de Dominicy (1982)

Si comparamos este tipo de construcciones con los giros “restricción + *hasta* restrictivo + complemento de tiempo”, llegaremos a una generalización muy significativa. Cuando el *hasta* normal está reforzado por una expresión restrictiva, el sintagma modificado se integra en una escala progresiva y creciente [...]. Aplicando el mismo mecanismo al *hasta* restrictivo empleado con un complemento de tiempo, obtenemos un resultado similar, si la escala está ordenada por la relación “antes de”.²⁰ (Dominicy, 1982, p. 84)

Como se pode notar, o ensaio de Dominicy é amplo, e tenta dar conta de forma pormenorizada do fenômeno que tenta explicar e descrever.

Em suma, o autor rechaça a possibilidade de *hasta* marcar início de uma ação ou a uma possível origem recuperável no espanhol antigo. Ao contrário, defende tratar-se de um uso típico americano, cujas origens se encontrariam, principalmente, no espanhol mexicano, a partir do qual se teria difundido para outras regiões.

Se analisado sob uma perspectiva sincrônica, *hasta* apresenta valor restritivo e comportamento semelhante à de outros termos restritivos (o que o linguista denomina como *signo de excepción*). Sob uma perspectiva diacrônica, tal valor restritivo foi adquirido pela preposição principalmente um processo de mudança linguística, também vistos em outras línguas, como o latim e o francês, mas também no inglês, pertencente à outra família linguística.

²⁰ Se comparamos esse tipo de construções com as estruturas “restrição + *hasta* restritivo + complemento temporal”, chegaremos a uma generalização muito significativa. Quando o *hasta* normal é reforçado por uma expressão restritiva, a frase modificada é integrada numa escala progressiva e crescente [...]. Aplicando o mesmo mecanismo ao *hasta* restritivo seguido de um complemento de tempo, obtemos resultado semelhante, se a escala estiver ordenada pela relação “antes de”. (Tradução nossa)

3.2 Lope Blanch (1990)

Embora já houvesse verificado o uso anômalo de *hasta* em estudos sobre a sintaxe do espanhol mexicano na década de 1950 e de 1960, é em *Precisiones sobre el uso mexicano de la preposicion hasta* que Lope Blanch nos apresenta suas hipóteses e análises estatísticas dos dados recolhidos no México ou em zonas estadounidenses, anteriormente pertencentes ao país latinoamericano.

Tentando deixar em aberto o rótulo que se deveria dar ao fenômeno, o *hasta*, seja nomeado restritivo, excludente ou pontual, é utilizado em orações afirmativas com verbos durativos - marcando o início da ação - ou com verbos perfectivos e pontuais - dando ênfase e precisão ao complemento preposicional²¹ (p.51). Em suas próprias palavras:

“estudiaré hasta que nazca el niño” puede significar, en su uso mexicano, que el estudio *comenzará* una vez que nazca el niño, y “Lo entierran hasta mañana”, que el entierro se llevará a cabo precisamente mañana. (Lope Blanch, 1990, p. 51)²²

Em contrapartida, Lope Blanch não se abstém ao propor que o gérmen de ambos encontra-se na estrutura normal <**no (verbo) hasta**>, sendo eles apenas possibilidades já previstas no sistema do espanhol — o que poderia justificar suas ocorrências em áreas geográficas diferentes e não-contíguas (Colômbia e México, por exemplo). Explica Lope Blanch as orações afirmativas com *hasta* e verbos durativos:

[...] “No abren hasta las doce”, el complemento temporal introducido por *hasta* señala el momento final del predicado verbal — del “no abrir”—, pero a la vez implica que la acción verbal — el abrir— sí empieza en el momento expresado por el complemento regido por *hasta*, de manera que ese complemento, “hasta las doce”, indica el momento en que se inicia la acción verbal (el abrir). En “Trabaja hasta las doce” se dice que a las doce termina el trabajo; en “No abren hasta las doce” se afirma que a las doce se inicia la apertura. Y así el hablante siente que la preposición *hasta* puede expresar el comienzo de la acción y, en consecuencia, dice “Abren hasta las doce” para indicar el inicio de la acción. (Lope Blanch, 1990, p. 52)²³

²¹ Lope Blanch verifica, já em seus primeiros estudos, que complementos locativos poderiam ser enfatizados como em *vive hasta allá*.

²² “estudiaré hasta que nazca el niño” pode significar, no uso mexicano, que o ato de estudar começará assim que o menino nascer e “Lo entierran hasta mañana”, que o enterro acontecerá precisamente amanhã. (Tradução nossa)

²³ Em “não abrem até as doze”, o complemento temporal introduzido por *hasta* indica o momento final do predicado verbal – a “não abertura” –, mas também indica que a ação verbal – a “abertura” – se inicia no momento expressado pelo complemento regido por *hasta*. Por conseguinte, o complemento “até as doze” (*hasta las doce*), indica o momento em que a ação verbal se inicia (a de “abertura”). Em “Trabalha até as doze” (*Trabaja hasta las doce*) significa que, às doze horas, o trabalho terminará, por outro lado, em “Não abrem até as doze” (*No abren hasta las doce*), afirma-se que, às doze horas, dá-se a abertura. Dessa forma, o falante tem a

A respeito das orações afirmativas com verbos perfectivos ou pontuais, o pesquisador traz uma análise comparativa entre as preposições <hasta> e <a> e o matiz pragmático distinto que cada uma delas implica:

[...] esa función intensiva — que posee también la preposición desde — no está por completo ausente de la expresión hispánica general “no + (verbo) + hasta”. No es, en efecto, exactamente lo mismo decir “Viene a las cuatro” (simple indicación de la hora de llegada) que “No viene hasta las cuatro” (referencia a una hora relativamente tardía). (Lope Blanch, 1990, p. 53)²⁴

Conclui o pesquisador, em uma nota de rodapé, que o valor enfático ou intensificador presente implicitamente em <no+(verbo)+hasta> é que prevaleceu no espanhol mexicano (p.53). Retomando os exemplos do próprio autor, para demonstrar tais diferenças pragmáticas, temos:

Quadro 1 - Exemplos I

No viene hasta las cuatro.	Estándar.
Viene a las cuatro.	Indica com precisão a hora da chegada.
Viene hasta las cuatro.	Em algumas variedades americanas, pode indicar com precisão o momento da chegada, porém implicitamente deve-se entender que há atraso.

Fonte: Adaptado de Lope Blanch, 1990.

De forma resumida, parte do texto de Lope Blanch (não mencionamos nesta seção os resultados das análises estatísticas do autor) explora o uso da preposição *hasta* no espanhol mexicano (ou americano, como sugere em notas e em sua análise) em orações afirmativas com verbos durativos ou pontuais, podendo marcar tanto o início de uma ação quanto um momento específico em que ela se dará.

Lope Blanch, além disso, afirma que esses usos da preposição são previstos no sistema linguístico espanhol, e tal constatação pode ser confirmada pela identificação do fenômeno em outras etapas históricas do espanhol e em outras regiões americanas, cujas variedades são contemporâneas à variedade mexicana.

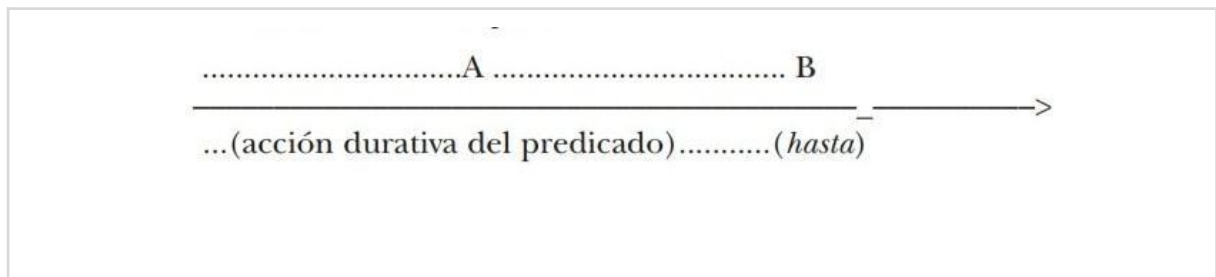
impressão de que a preposição até (*hasta*) pode expressar o início de uma ação, e por essa razão, diz "Abre até as doze" (*Abre hasta las doce*) para indicar o dito início. (Tradução nossa)

²⁴ [...] essa função intensiva, que a preposição *desde* também possui, não está completamente ausente da expressão hispânica geral “no + (verbo) + hasta”. De fato, não é a mesma coisa dizer “Ela vem às quatro” – uma simples indicação da hora de chegada – ou dizer “Ela não vem até as quatro”, que faz referência a um horário relativamente tarde. (Tradução nossa)

3.3 Miyoshi (2006)

Hispanista com uma ampla produção dedicada a estudos sincrônicos e diacrônicos sobre o *hasta* preposicional e adverbial, Miyoshi (2006) propõe a sua primeira análise sobre esse tema no artigo *Sobre el uso peculiar americano de hasta*. Na esteira principalmente do texto de Lope Blanch (1990), Miyoshi se atém à observação daquele quanto à possibilidade de um *hasta* enfático vir seguido por complemento locativo em orações afirmativas com verbos de estado ou de movimento (*vive hasta el río; va hasta el río*)²⁵, e, em vista dessa peculiaridade, traçará uma linha evolutiva, a qual se inicia pelo *hasta* prepositivo - para o autor, o valor primário do termo, adquire outros traços semânticos e desenvolve-se em *hasta* adverbial, e a partir deste, evoluirá em direção ao *hasta* “americano”. Abaixo, reproduzimos o primeiro esquema proposto por Miyoshi (2006), em que A representa a ação durativa do predicador verbal e B, o ponto final absoluto da ação:

Figura 13. Esquema 1: *Hasta* prepositivo²⁶



Fonte: Miyoshi, 2006.

Nesse esquema, o predicador verbal atende a dois valores semânticos do *hasta* prepositivo: ser uma ação de “*extensión positiva*”, com um ponto final absoluto. Miyoshi faz uso de algumas orações retiradas do *Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española* de Manuel Seco (1998) para exemplificar o seu esquema, as quais utilizamos para montar o quadro seguinte:

²⁵ Miyoshi (2006) toma esses exemplos de Lope Blanch (1990).

²⁶ Neste caso, traduzimos *predicado*, em espanhol, para *predicador*, em português. Nas acepções (2) e (4) da entrada *predicado*, presente no dicionário da Real Academia Española, vemos que ela tanto pode significar “función sintáctica desempeñada por el sintagma verbal” como “núcleo que [...] selecciona [...] un determinado número de participantes”. Ambos significados fazem parte da tradição dos estudos gramaticais do espanhol e têm sido mantidos nos estudos linguísticos.

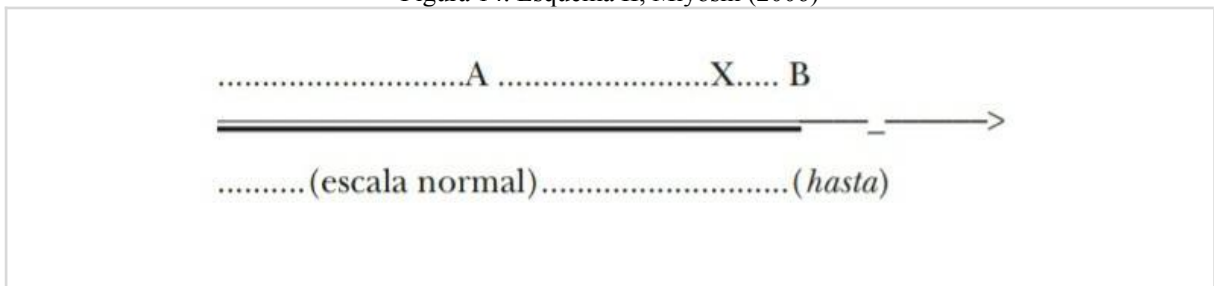
Quadro 2 – Exemplos II

A extensão durativa e positiva	preposição	B ponto final absoluto
Llegaré	<i>hasta</i>	Burgos.
Se despidió	<i>hasta</i>	la noche.
Gastaré	<i>hasta</i>	cien pesetas.

Fonte: Adaptado dos exemplos de Miyoshi (2006).

Como antes mencionado, parte do interesse do pesquisador se volta para a utilização enfatizadora de *hasta* prepositivo, e lançará mão do conceito pragmático de implicaturas para explicá-la. Na figura a seguir, desenvolvida pelo próprio autor, esquematiza-se como se daria esse processo:

Figura 14. Esquema II, Miyoshi (2006)



Fonte: Adaptado de Miyoshi (2006).

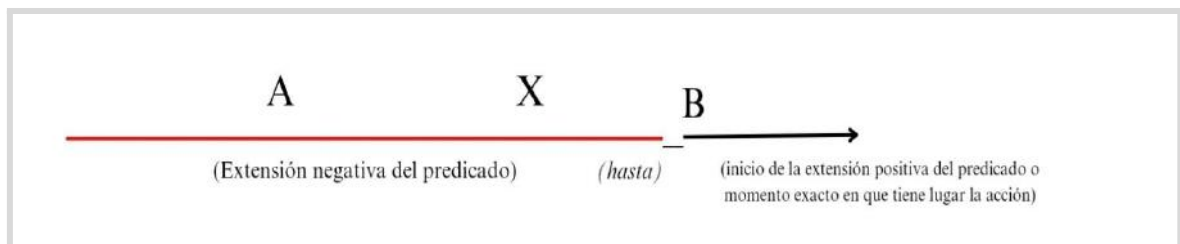
No interior da extensão indicada por A, está compreendida uma escala implícita, X, “tomado generalmente como normal cuando se trata del evento del mismo predicado” (Miyoshi, 2006, p. 174), cujo predicador verbal coincide com o de A, mas cujo complemento preposicional não coincide com B, em outras palavras, a escala normal e a escala implícita têm o mesmo predicador verbal, mas o complemento prepositivo de cada uma delas não é o mesmo. Assim, essa disparidade entre o ponto final absoluto esperado como complemento “normal” para a preposição *hasta* e o complemento que de fato ela recebe, produz uma “implicatura de surpresa”:

En otras palabras, si en la frase 4 se entiende que es normal “llegar hasta el lugar de ‘X’”, y sin embargo llega hasta el punto ‘B’ (otro lugar que se sitúa más allá del lugar marcado por ‘X’), entonces surge una implicatura de sorpresa; en la frase 5, el tiempo de ‘la noche’ es demasiado tarde si se entiende que es natural o normal “despedirse hasta las tres de la tarde” por ejemplo; y en la frase 6, si se acepta como cosa natural o normal “gastar hasta ochenta pesetas” por ejemplo, el “gastar cien pesetas” causa un

efecto sorpresivo. Y el efecto sorpresivo puede aprovecharse en ocasiones como medio de énfasis. (Miyoshi, 2006, p.175)²⁷

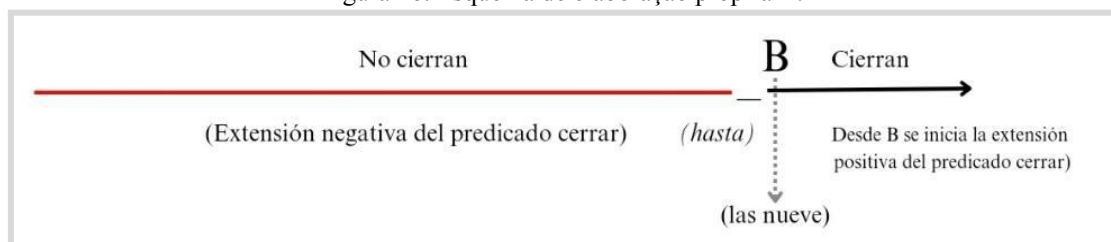
O mesmo esquema 2 é usado para representar o *hasta* adverbial cujo significado se aproxima ao do vocábulo *incluso* e em que “[...] la extensión ‘A’ es positiva y ‘B’ indica el punto final sorprendente de cierta gradación conceptual”²⁸ (*ibid.*, p. 175). A partir da evolução de tal advérbio é que o uso americano ter-se-ia originado, entretanto, neste, A é de extensão espaço-temporal negativa, ou seja, não se realiza, e o ponto B não marcará ponto final absoluto do predicador verbal: “Cuando la extensión temporal ‘A’ es negativa, la preposición *hasta* introduce el complemento temporal que indica el momento en que se inicia o cumple la acción principal.”²⁹ (*ibid.*, p. 176). Ilustramos, a seguir, em dois esquemas baseados nos de Miyoshi (2006), esse trecho:

Figura 15. Esquema de elaboração própria I.



Fonte: Baseado no Esquema II, de Miyoshi (2006).

Figura 16. Esquema de elaboração própria II.



Fonte: Baseado no Esquema II, de Miyoshi (2006).

Para concluir, nesta seção, resumimos a primeira análise de Miyoshi sobre a preposição *hasta* no espanhol americano. Partindo do texto de Lope Blanch (1990), em que se observa

²⁷ Em outras palavras, se, na frase 4, entendemos que é normal “chegar até o lugar representado pelo X”, porém chegamos até o ponto B (um outro ponto que se situa além do ponto indicado por X), surge, então, uma implicatura de surpresa. Na frase 5, o horário da noite é considerado tarde demais se entendemos como natural ou normal, por exemplo, “despedir-se até às três da tarde”. E, na frase 6, se aceitamos como natural ou normal “gastar até oitenta pesetas”, por exemplo, “gastar cem pesetas” causa um efeito de surpresa. Esse efeito pode ser utilizado ocasionalmente como meio de ênfase. (Tradução nossa)

²⁸ [...] a extensão A é positiva e B indica o ponto final surpresa de alguma graduação conceitual. (Tradução nossa)

²⁹ Quando a extensão temporal A é negativa, a preposição *hasta* introduz o complemento temporal que indica o momento em que a ação principal se inicia ou acontece. (Tradução nossa)

uso de *hasta* de valor enfático seguido por complementos locativos, Miyoshi (2006) propõe outra linha evolutiva, se comparada a dos dois primeiros autores, por nós, citados. em que "hasta" preposicional, considerado o valor primário do termo, adquire novos traços semânticos, desenvolvendo-se em *hasta* adverbial e, posteriormente, em *hasta* americano.

3.4 Rocío Caravedo (2011)

Entre os estudos que selecionamos, pode-se dizer que este é o que mais se difere dos demais por apresentar discussões teóricas sobre polissemia e variação. Como primeiro exemplo do tratamento dado a essas questões, Caravedo expõe a teoria coseriana, que atribui a polissemia ao plano da língua, e, portanto, não-ocasional e não-contextual, e a variação, ao plano da fala — ignorando o que já à sua época se havia discutido, sobre nem toda variação ser idiossincrática, além da sua própria teoria crítica às dicotomias saussureanas³⁰:

La polisemia, para este autor, no sería pues en sentido estricto un hecho de variación, como no lo sería tampoco la sinonimia en el plano del significante del signo. Se trata de una sutil distinción entre lo lingüístico invariante y lo extralingüístico sujeto a variación, difícil de reconocer, sobre todo cuando se trata de variantes de significado, pues se está frente a hechos intuibles pero no directamente perceptibles. En todo caso, no deja de sorprender que, respecto de la diversidad semántica, Coseriu adopte la interpretación dicotómica de los hechos lingüísticos (*langue/parole*), contra la que se había pronunciado críticamente en trabajos anteriores, al proponer una zona intermedia de inteligibilidad como la de la norma. (Caravedo, p. 722, 2011)³¹

Apesar dessa distinção coseriana entre variação–polissemia, como afirma Caravedo, outros linguistas dedicaram-se a outras conceitualizações: polissemia–homonímia.

[...] en esta perspectiva es la polisemia la que mejor se adaptaría a los hechos de variación, pues las diferentes acepciones asignadas a una palabra mantendrían un nexo conceptual común en la sincronía, mientras que la homonimia pondría frente a frente dos contenidos diversos y, por lo tanto, inconexos entre ellos. (Caravedo, p. 723, 2011)³²

³⁰ Ensaio *Sistema, norma y habla* (Coseriu, 1952).

³¹ A polissemia, para esse autor, não seria, portanto, um fato de variação em sentido estrito, como tampouco seria um fato de variação a sinonímia, esta no plano do significado do signo. Trata-se de uma distinção sutil entre o que é linguístico e não-variável e o que é extralinguístico e sujeito à variação, algo difícil de identificar principalmente quando se trata de variantes de significado, já que nos deparamos com fatos que podem ser intuídos, mas não percebidos de forma direta. De todas as formas, é surpreendente que Coseriu, com relação à diversidade semântica, tenha adotado uma interpretação dicotômica dos fatos linguísticos (língua/fala) que vai de encontro ao que havia escrito em trabalhos anteriores, quando propôs uma zona intermediária de inteligibilidade, como a norma. (Tradução nossa)

³² [...] nessa perspectiva, a polissemia é a que se adaptaria melhor aos fatos de variação, já que as diferentes acepções atribuídas a uma palavra manteriam um nexo conceitual comum na sincronia, e por outro lado, a homonímia colocaria cara a cara dois conteúdos (significados) distintos e, por tanto, sem conexão. (Tradução nossa)

Em outras palavras, se para o linguista romeno a polissemia implica em diferenças no sistema e, portanto, de signos, para outros estudiosos³³, esse lugar caracterizado pelas “diferencias de lengua” e de signos estaria ocupada pela homonímia. Entretanto, não é a direção dessas teorias que vai seguir a autora, mas sim a de Luis Fernando Lara³⁴.

Para o linguista mexicano, a polissemia relaciona-se com a atividade mais direta dos **falantes**³⁵ de atribuir novos significados a um mesmo signo — entre eles algum nexos — impulsionando a evolução semântica das línguas (Lara, 2006 *apud* Caravedo, 2011); e a homonímia, um conceito aplicável à história da língua, de signos distintos cujos significados não são percebidos como interligados pelos falantes, ainda que um nexos em outra sincronia tenha existido: “Colocar esta definición en un lugar central hace posible asimismo abandonar el problema demarcación entre polisemia/variación [...] y observar los hechos constantes y variables [...] como aspectos propios de la naturaleza dinámica de las lenguas.”³⁶ (Caravedo, 2011, p. 723-4). Com isso, a linguista tratará em seu capítulo a polissemia como um fenômeno de variação de significados dentro de um mesmo signo linguístico para abordar a forma *hasta*, a que nos dedicamos nesta monografia.

3.4.1 Sobre a variação de tipo polissêmico de *hasta*

Rocío Caravedo inicia a segunda parte do texto, intitulada *La forma hasta*, apresentando suas discordâncias quanto a nomear o *hasta*, designado para início de ação verbal, como um fenômeno principalmente mexicano, visto que é verificado em outras regiões da América, incluindo a do Peru, zona incluída pela primeira vez no capítulo da linguista. Além disso, ela aponta, como um problema metodológico a análise das variedades que apresentam também para *hasta* “o valor delimitativo inicial” (*ibid.*, p. 730) tendo como referência a variedade que não apresenta dito valor: “La heterogeneidad en el uso (en este caso, la polisemia no general), descrita a partir de un patrón de referencia ajeno lleva de modo

³³ Caravedo menciona Baldinger, 1977; Heger, 1974; Rivarola, 1991; Ullmann, 1962.

³⁴ A título de curiosidade, Luis Fernando Lara é um reconhecido lexicógrafo/lexicólogo mexicano. Publicou, em 2010, o *Diccionario del Español de México*, em dois volumes, que pode também ser acessado em: <https://dem.colmex.mx>.

³⁵ O destaque tipográfico é nosso, pois pareceu-nos importante ressaltar que, ao contrário das duas teorias citadas por Rocío Caravedo, a de Lara, à qual a autora se alinha, dá a devida importância à ação dos falantes da língua.

³⁶ Além disso, colocar essa definição em um lugar central torna possível abandonar o problema delimitativo entre polissemia e variação, e observar os fatos constantes e variáveis como aspectos próprios da natureza dinâmica das línguas. (Tradução nossa)

natural a la percepción de lo diferente e, inadecuadamente, a la normatividad.”³⁷ (*ibid.*, p. 730). Em outras palavras, o *status* de não-padrão que se atribui a essas ocorrências em certas variedades só ganha sentido, porque são valoradas com base em variedades em que não há como possibilidade o valor de delimitativo inicial. Com isso, a partir de dados colhidos do corpus *Proyecto del habla culta de las principalmente ciudades hispanohablantes*, exemplifica como *hasta* pode ser:

a) Delimitativo final:

“*A partir del segundo año empecé a trabajar, hasta la actualidad sigo trabajando [...]*”. (México, Macrocorpus)³⁸

“— *y entonces ¿puedes combinar la enseñanza con la dirección?*
— *Hasta ahorita, sí.* (México, Macrocorpus)³⁹

b) Delimitativo inicial:

“*Ya está terminada su tesis. Hasta el trece agosto la va a defender.*” (La Paz, Bolivia, Macrocorpus)⁴⁰

“*Nosotros votamos hasta los veintiún años, es lo mínimo*”. (La Paz, Bolivia, Macrocorpus)⁴¹

Os quatro exemplos acima são apenas alguns dos dados analisados por Rocío Caravedo, mas nos parece suficiente para ilustrar o que defendido pela linguista: nas variedades em que *hasta* pode assumir valores opostos, a ambiguidade interpretativa não se faz presente para o falante⁴², já que, por meio de redundâncias contextuais e por meio de elementos cotextuais, é possível identificar se a delimitação é final ou inicial.

Para concluir esta seção, é preciso ressaltar que a hipótese de Rocío Caravedo não descarta por completo a possibilidade de se atribuírem ao mesmo *hasta* tanto o valor inicial quanto o final. Entretanto, a ambiguidade provocada, defende ela, não é intencional por parte dos falantes, e é mais propensa a acontecer quando a preposição está seguida de sintagma nominal, advérbios ou formando a conjunção temporal *hasta que*:

³⁷ A heterogeneidade no uso (nesse caso, a polissemia não-geral), descrita a partir de um padrão de referência outro, leva naturalmente à percepção da diferença e, de forma inadequada, à normatividade. (Tradução nossa)

³⁸ A partir do segundo ano, comecei a trabalhar e continuo até o momento. Exemplo retirado de Caravedo (2011). (Tradução nossa).

³⁹ E aí? Você consegue combinar o ensino com a direção (ser diretor)? Até o momento, sim. Exemplo retirado de Caravedo (2011). (Tradução nossa)

⁴⁰ A tese dela/dele já está pronta. A partir do dia treze de agosto vai defendê-la. Exemplo retirado de Caravedo (2011). (Tradução nossa)

⁴¹ Nós votamos a partir dos 21 anos. É o mínimo. Exemplo retirado de Caravedo (2011). (Tradução nossa)

⁴² Para o falante e para o ouvinte também, desde que este compartilhe com aquele o *hasta* polissêmico.

“Pero ahora hasta el lunes hay clases.”⁴³

“Hasta los veintiún años, hasta que conocí a Héctor Mendoza, me interesó el trabajo.”⁴⁴

No primeiro exemplo, nem o contexto nem o cotexto nos permite assegurar se o valor é inicial ou final, pois a leitura de ambos é possível; no segundo, está a conjunção *hasta que*, presente, principalmente, em narrações e indicadora de uma sucessão de ações, marcando, assim, uma mudança de estado (Caravedo, 2011, 739-740). Essas características, embora generalizáveis a qualquer variedade do espanhol, naquelas em que está presente também o valor delimitativo inicial, tal conjunção encerra outras possibilidades interpretativas. Em outros termos:

Por lo tanto, es en relación con la modalidad en que se dan los dos valores inicio/final como esta doble posibilidad de comportamiento contextual puede tener alguna relevancia, como atractora de un juego semántico binario virtualmente existente en la competencia del hablante. (Caravedo, p. 739-40, 2011)⁴⁵

Retomando o início da seção, este certamente é o texto que mais se distancia dos demais, não só, como afirmamos, por suas discussões teóricas sobre conceitos como polissemia, variação ou sinonímia, mas também por suas críticas às comparações que se fazem entre variedades distintas, entre aquelas cujos falantes atribuem à *hasta* apenas o valor de delimitativo final e aquelas cujos falantes atribuem à mesma preposição o final ou o inicial. Com isso, notamos que a linguista defende a existência para *hasta* do valor indicativo de início de ação, entretanto, a sua caracterização como “peculiaridade” ou “particularidade” não se justifica, a não ser por comparação como uma variedade tomada por referência para o espanhol (geralmente, a peninsular).

3.5 Miyoshi (2015)

Se no artigo explicitado em 3.3 Miyoshi defende que o peculiar uso de que viemos falando neste trabalho deriva do uso adverbial equivalente a *incluso*, em *Nueva reflexión*

⁴³ Mas a partir de segunda-feira haverá aula./Mas até segunda-feira haverá aula. Exemplo retirado de Caravedo (2011). (Traduções nossas)

⁴⁴ Até/a partir dos 21 anos, até que conheci/assim que conheci o Héctor Mendoza, fiquei interessada pelo trabalho. Exemplo retirado de Caravedo (2011). (Traduções nossas)

⁴⁵ Portanto, é em relação à maneira como os dois valores inicial/final ocorrem que essa possibilidade dupla de comportamento contextual pode ter alguma relevância, como um atrativo de um jogo semântico binário virtualmente existente na competência do falante. (Tradução nossa)

sobre el uso particular americano de *hasta*, o linguista reformula a sua teoria, e propõe o *hasta* equivalente a *como máximo* como aquele que teria adquirido outros valores semânticos para gerar o “*hasta hispanoamericano*”.

No seu novo estudo, Miyoshi reanalisa as orações cujo o valor adverbial é de foco (*hasta* como *incluso*) e se dá conta de que, ao contrário do *hasta* americano, que incide apenas sobre o seu complemento, o *hasta* “*incluso*” incide sobre o seu complemento e sobre o predicador verbal. Portanto, “[...] la ‘extensión’ de *hasta* es positiva en el predicado de la oración”⁴⁶ (p. 131), afastando-se do “*americanismo*”, de extensão negativa.

Voltando-nos ao *hasta-como máximo*, Miyoshi lista três de seus traços semânticos:

1. “cierto lugar”, sentido emergido por extensión metafórica, ya que “el máximo” señala un lugar en la escala cuantitativa; 2. “límite superior o extremo a que puede llegar algo”, acepción de máximo; 3. “aproximación”, si se trata del grado aproximado: no se concibe si el grado máximo es fáctico, pero sí se concibe si se trata del grado supuesto o imaginado. (Miyoshi, 2015, p. 136)⁴⁷

Tomando essas considerações como ponto de partida, o autor traça duas etapas que teriam dado origem ao *hasta* americano, como um desvio da norma geral. A primeira seria “la cognición cuantitativa, o escalar, del concepto espacio-temporal”⁴⁸, e a segunda, “el trasvase gramatical de la función adverbial a la preposicional” (*ibid.*, p. 137)⁴⁹.

Em suma, comparada a sua primeira hipótese (2006), nesta, apesar de manter a linha evolutiva *hasta* prepositivo > *hasta* adverbial > *hasta* americano, Miyoshi (2015), propõe “*como máximo*” como intermediário entre e a primeira e a terceira etapas, visto que, esse uso adverbial concide com o uso americano, por ambos se encontrarem em orações cuja extensão do verbo principal é sempre negativa, além de atribuírem valor enfático ao seus complementos.

⁴⁶ [...] a extensão de *hasta* é positiva no predicado da predicado da oração. (Tradução nossa)

⁴⁷ 1. “certo lugar”, significado que emerge por metáfora, pois “o máximo” indica um lugar na escala quantitativa; 2. “límite superior ou extremo que algo pode atingir”, significado de máximo; 3. “aproximação”, se for o grau aproximado: não é concebível se o grau máximo for factual, mas é concebível se for o grau suposto ou imaginado. (Tradução nossa)

⁴⁸ A cognição quantitativa, ou escalar, do conceito espaço-temporal. (Tradução nossa)

⁴⁹ A transferência gramatical da função adverbial para a preposicional. (Tradução nossa)

4. ANÁLISES

Nesta seção, compararemos os textos selecionados, utilizando por um lado o resumo das hipóteses revisadas na seção anterior e em parte outras informações presentes neles.

4.1 Sobre as origens históricas

Um dos pontos de interesse da maioria dos pesquisadores é situar a origem do fenômeno em um determinado período da língua: ele estaria presente no espanhol antigo/medieval? Ou teria desenvolvido-se de forma independente ao espanhol peninsular?

Para responder à essa questão, Dominicy (1982) - inclusive, dando início a sua análise retomando um texto de 1964 de Lope Blanch e Mateus Toscano, em que analisam texto de Berceo, de finais do século XII - retoma textos do espanhol antigo, para afirmar que o uso atual do *hasta*-americano não estava presente ainda naquele período. Substituto de “antes de, dentro” até a tradução do vocábulo *infra*, em latim, no século XVI, defende o hispanista ser o *hasta* apenas na aparência parecido aos usos americanos, pois a sua tradução estaria próxima a *aproximadamente*: “El significado que adquiere aquí *hasta* delante de una disyunción de numerales no es excepcional en el siglo XVI”⁵⁰ (*ibid.*, p. 55). Como casos exemplares de sua afirmação, apresenta alguns trechos de *Don Quijote de la Mancha* (obra de início do XVII): (a) Y no hubieron andado un cuarto de legua, cuando al cruzar de una senda, vieron venir hacia ellos hasta seis pastores;⁵¹ (b) Vio [...] a un muchacho, desnudo de medio cuerpo arriba, hasta de edad de quince años.⁵² (*ibid.*, p. 56). Em outras palavras, o fenômeno não seria originário da península.

O *hasta*-excludente de valor restritivo, ainda sob os termos e a hipótese de Dominicy, só é observável a partir do século XIX, em alguns textos argentinos, mas, principalmente, em textos mexicanos. Dado que, no século XIX, *recién* já estava em uso nas zonas meridionais, e, como apontado na subseção 3.1, devido à uma maior flexibilidade distribucional e semântica (*ibid.*, p. 72), teria tornado a difusão de tal elemento de valor restritivo mais promissora que a de *hasta*. Por outro lado, este, na variedade mexicana, teria seguido um caminho distinto:

⁵⁰ O significado que *hasta* adquire diante de uma disjunção numérica não é exceção no século XVI. (Tradução nossa)

⁵¹ E não devem ter andado um quarto de uma légua, quando, na encruzilhada de um caminho, viram chegar, na direção deles, aproximadamente seis pastores. (Tradução nossa)

⁵² Viu um menino, nu da metade para cima, com aproximadamente quinze anos de idade. Exemplos extraídos de Dominicy (1982). (Tradução nossa)

El uso ha tenido tal éxito en México, que se ha extendido hacia el Sur, en dirección a la América Central y Colombia, para penetrar a continuación en Venezuela y el Ecuador. Por el contrario, debe haber desaparecido en la zona meridional, a menos que los raros ejemplos chilenos se expliquen por una supervivencia y no por una innovación reciente o un préstamo. (Dominicy, 1982, p. 47-48)⁵³

Ou seja, por contato linguístico, o *hasta-excludente/restritivo* teria chegado a outras localidades, o que explicaria a sua presença, constatada por Cuervo e explicada em nossa introdução, na fala dos bogotanos ainda no século XIX. Porém, apesar dessa afirmação, Dominicy não nos apresenta nenhum argumento relevante que não a sua própria convicção para elucidar o percurso geográfico do *hasta* que ele propôs; e essa brecha argumentativa também é apontada por Lope Blanch:

El hecho de que ya en 1867 lo mencione Cuervo como fenómeno naturalmente bogotano confirma mi suposición: no sería fácil explicar cómo una innovación mexicana de principios del siglo XIX se hubiera podido propagar al habla bogotana en menos de media centuria, en una época en que los contactos entre los pueblos hispanoamericanos no eran lo fáciles, rápidos e intensos que están llegando a ser en la actualidad. Ni mucho menos podría explicarse que tal innovación mexicana hubiera llegado aún más allá, hasta Ecuador e incluso hasta Chile. (Lope Blanch, 1990, p. 55)⁵⁴

A suposição de que fala Lope Blanch é, na verdade, a sua hipótese sobre a origem do fenômeno. Ao contrário de Dominicy que o situa em um espaço e tempo específicos, Blanch o trata de uma forma mais abrangente e levanta a possibilidade de que se trata de uma virtualidade do sistema concretizada em em algumas variedades americanas, e por ser uma virtualidade da língua espanhola, poderia ser — e já teria sido — concretizada na variedade peninsular (Lope Blanch, 1990, p. 54-55).

Se, por um lado, Blanch concorda que muitas passagens do espanhol medieval analisadas por Dominicy, de fato, não têm relação com uso mexicano (assim nomeado por

⁵³ Esse uso teve tanto êxito no México que se entendeu em direção ao sul, para a América Central e para a Colômbia, para adentrar, em seguida, a Venezuela e o Equador. Por outro lado, deve ter desaparecido da zona meridional, a menos que os poucos exemplos chilenos possam ser explicados por sobrevivência e não por inovação recente ou por empréstimo. (Tradução nossa)

⁵⁴ O fato de Cuervo tê-lo mencionado, ainda em 1867, como um fenômeno naturalmente bogotano confirma que minha suposição: não seria fácil explicar como uma inovação mexicana do princípio do século XIX poderia ter-se propagado em direção à fala de Bogotá em menos de meio século, numa época em que os contatos entre os povos hispanoamericanos não eram fáceis, rápidos e intensos, como estão tornando-se atualmente. Menos ainda seria possível explicar como essa inovação teria chegado ainda mais longe, ao Equador e, inclusive, até ao Chile. (Tradução nossa)

Blanch), por outro, segue defendendo que outras, sim, o têm, e inclusive, retoma igualmente alguns trechos de *Don Quijote* para tentar provar a sua hipótese:

“Pensar que yo he de volver [a mi casa] hasta haber molido a palos a don Quijote es pensar en lo escusado”. En todos ellos, el complemento introducido por la preposición hasta determina a un verbo perfectivo, puntual, de oración afirmativa, como sucede en el uso mexicano actual [...]. (Lope Blanch, 1990, p. 54)⁵⁵

Miyoshi (2006, 2015) cita Lope Blanch por concordar com essa hipótese, porém seguindo argumentações distintas. Miyoshi, embora defenda a ideia de uma virtualidade, concretizada em certas variedades, na esteira de outro autor, Félix Carrasco, argumentará que a autorregulação do sistema parece ter excluído esse fenômeno do espanhol peninsular e impedido que surgisse em outras variedades. Além disso, por essa mesma razão, o linguista japonês põe em dúvida a manutenção do fenômeno no espanhol mexicano, que, para Blanch, à época em que fez seu artigo e suas análises estatísticas, ainda está com a mudança em curso.

4.2 Sobre estruturas linguísticas e valores

Como vimos na introdução, a tradição gramatical tende a considerar o fenômeno que abordamos em nossa revisão como equivalente - e talvez uma espécie de corrupção por omissão da negativa - da estrutura estandarizada <no + verbo + hasta>, bastando com acrescentar a negação para que a equivalência se faça visível e para que o “equivoco” e a ambiguidade sejam consertados. E, embora Lope Blanch admita que o acréscimo de <no> não funcione em todas as ocorrências, o linguista também afirma que o ele chama por vezes de mexicanismo sintático deriva da estrutura acima citada:

La negación del verbo —de la acción expresada por el verbo— principal, su incumplimiento, termina en el momento expresado por el complemento introducido por hasta: en “Llega hasta las doce” basta añadir el adverbio no para que la expresión se normalice: “No llega hasta las doce” = el “no llegar” termina a las doce. (Lope Blanch, 1999, p. 55)⁵⁶

⁵⁵ “Pensar que yo he de volver [a mi casa] hasta haber molido a palos a don Quijote es pensar en lo escusado”. Em todos eles, o complemento introduzido pela preposição *hasta* determina um verbo perfectivo, pontual, de oração afirmativa, como acontece no uso mexicano atual [...]. (Tradução nossa)

⁵⁶ A negação do verbo principal, ou seja, da ação expressada por ele, a sua não-realização, termina no momento expressado pelo complemento introduzido por *hasta* (até): em *llega hasta las doce*, basta adicionar o advérbio *no*, para que a expressão seja normalizada, assim, *no llega hasta las doce*, indica que a “não-chegada” termina às doze horas. (Tradução nossa)

Porém, se, segundo Blanch, o *hasta* nas variedades americanas tem valor enfático ou marcador de início da ação verbal, segundo a hipótese de Dominicy, ainda a preposição tenha substituído a estrutura estandarizada, seu valor é somente restritivo, visto que a preposição <a> não só se mantém produtiva, como também se comporta distributivamente diferente a *hasta*. Dominicy igualmente descarta a possibilidade de que *hasta* se comporte como a preposição *desde*, já que ambas preposições podem ser utilizadas numa mesma oração relacionadas⁵⁷, e que parecem ter tido, recuperando argumento de Blanch em *Habla de México*, desenvolvimentos paralelos, mas sem se confundirem.

Como descrevemos na subseção dedicada à Caravedo, a linguista mostra uma abordagem distinta às demais, e por suas preocupações com respeito a como a caracterização de fenômenos como não-padrão podem levar à normatividade e por sua preocupação com questões teóricas sobre a variação de tipo polissêmico no plano do significado, ou ainda sobre o que ela nomeia “sistema cognoscitivos de los hablantes”, que ademais, podem não ser únicos numa mesma língua, ela não levantará hipóteses sobre estruturas, tempo ou espaços de origem. Contudo, Caravedo não deixa de questionar a hipótese que atribui um valor exclusivamente restritivo ao *hasta*.

Na cidade de Piura, no Peru, quando se preparava para o questionário dialetológico que faria, se deparou com a seguinte resposta ao perguntar a que horas chegaria o voluntário:

“Llega hasta las once”. Inmediatamente pedi la explicación a través de la repregunta “¿Está ella aquí ahora? Y la respuesta fue: “Hasta las once está”. La larga espera me confirmó los alcances del enunciado. Obviamente, si la misma pregunta hubiera sido formulada a un hablante de la modalidad que conoce sólo el valor final, la respuesta inmediata y natural habría sido, con toda probabilidad: *Llega a las once*, del mismo modo que podría haber sido, si bien de modo menos directo, *No llega hasta las once*, o más difícilmente: *Recién/apenas/sólo llega a las once*, pues tales restricciones no son realmente pertinentes cuando de lo que se trata es de una simple información, y no de una recriminación o una valoración negativa del hecho. En este contexto no cabría, pues, el hipotético valor restrictivo. Como se puede ver, en este contexto de pregunta informativa, que no corresponde ni al género narrativo ni argumentativo, se realiza la preposición con un valor neutral en el que pueden caber todas las posibilidades. (Caravedo, 2011, p. 736-737)⁵⁸

⁵⁷ *Viví aquí desde los tres hasta los veintiún años*. Exemplo nosso.

⁵⁸ *Llega hasta las once*. Inmediatamente pedi uma explicação por meio de uma outra pergunta: *¿Está ella aquí ahora?* E a resposta foi *Hasta las once está*. A longa espera me confirmo os alcances do enunciado. Obviamente, se a mesma pergunta tivesse sido feita a um falante da modalidade que só conhece o valor final, a resposta imediata e natural teria sido, provavelmente, *Llega a las once*. Da mesma forma, poderia ter sido, ainda que se modo menos direto, *No llega hasta las once*, ou, difícilmente, *Recién/apenas/sólo llega a las once*, pois tais restrições não são realmente pertinentes quando se trata de uma informação simples, em vez de uma recriminação ou de uma valorização negativa de um fato. (Tradução nossa)

Para concluir, ainda temos de mencionar os artigos de Miyoshi. Em sua primeira hipótese, ele já se põe em contra de uma equivalência entre <no+verbo+hasta> e o *hasta* americano⁵⁹, e a justificativa apontada é que, ao contrário daquela, cujo complemento prepositivo é temporal, neste se permite além do complemento temporais e locativos; busca, assim, explicar a gênese dessa peculiaridade americana a partir do *hasta* adverbial e não mais prepositivo, como é comum a outros autores:

Pensamos más bien que el uso americano es el resultado del desarrollo semántico del uso adverbial de *hasta*, puesto que no nos parece natural interpretar que el mismo uso haya surgido por la simple omisión de la negación de la fórmula general *no...hasta*. Si esta omisión fuera la causa de su surgimiento, no se podría explicar el por qué de su uso espacial [...]. (Miyoshi, 2006, p. 177)⁶⁰

Uma outra razão levou o linguista a propor um caminho evolutivo diferente dos de Dominicy e Lope Blanch. Como explicamos em 3.3, de acordo com Miyoshi, faltaria ao *hasta* americano a extensão positiva da preposição, que indica que a ação se realiza; como é negativa a extensão do verbo principal, o complemento introduzido pelo *hasta* americano indica o início da ação ou o momento exato em que ocorre. Assim, Miyoshi (2006) levanta a hipótese de que o *hasta* americano provém, na verdade, do *hasta* com valor de inclusão (incluso), porém com a mesma diferença existente entre o prepositivo e americano, pois a extensão verbal desse uso adverbial também é positiva e a do uso americano segue sendo negativa. Como se explicaria, então, na evolução semântica de um uso a outro, a mudança de extensão positiva para uma extensão negativa?

Miyoshi (2015) trata de resolver esse impasse reformulando sua hipótese inicial, ao substituir o *hasta* “incluso” pelo *hasta* “como máximo”, o que, ao mesmo tempo, pode solucionar esse problema e esclarecer melhor o que já defendia em seu primeiro artigo, o surgimento uso americano como possibilidade do sistema linguístico, visto que o linguista encontra numerosos exemplos do uso adverbial “como máximo” ainda nos textos produzidos na Espanha do século XVI. Contudo, seus dois trabalhos parecem ainda deixar uma lacuna sobre o uso do *hasta* americano em orações de verbos durativos, já que tanto em Miyoshi (2006) como Miyoshi (2015), seus exemplos e suas análises parecem ter dado mais atenção ao uso enfático e com verbos pontuais.

⁵⁹ Novamente, ressaltamos que estamos utilizando a denominação de cada autor, por isso ela vai sendo alterada ao longo do texto.

⁶⁰ Acreditamos, na verdade, que o uso americano é o resultado da evolução semântica do uso adverbial de *hasta*, já que não nos parece natural interpretar que tal uso tenha surgido por uma simples omissão da negação da fórmula geral *no...hasta*. Se essa omissão fosse a causa do surgimento desse uso, não seria possível explicar a razão de seu uso espacial [...]. (Tradução nossa)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo fazer uma revisão de literatura sobre o uso da preposição *hasta* no espanhol americano, tentando sintetizar e comparar algumas das produções científicas feitas acerca do tema, ao analisarmos as pesquisas de Dominicy (1982), cuja hipótese propõe, como um dos valores da preposição, o de restrição; Blanch (1990), por sua vez, realça os valores enfático e inicial, que *hasta* pode conferir às orações afirmativas com verbos durativos ou pontuais; Miyoshi (2006, 2015), que propõe ao contrário, o *hasta* adverbial como fonte do *hasta* americano; e Caravedo (2011) cujas proposta foge à regra, ao se colocar em contra de fazer uma análise do fenômeno tendo por comparativo variedades em que seu uso é estranho, o que acarreta normatização de certos usos ou, se pudermos dizer o contrário, a “anormatização” de outros.

Ao cotejarmos os textos constatamos a existência de convergências e divergências entre os autores, como o esperado, quanto à origem histórica do uso considerado não-padrão da preposição, quanto à estrutura da qual se teria originado e quanto aos valores que se lhe podem atribuir. Entretanto, nossa revisão esteve limitada a poucos textos e teve de excluir algumas análises importantes sobre o tema pela falta de acesso à elas.

Devido a essas limitações, acreditamos que o trabalho comparativo ainda pode ser ampliado, e partir dele, contribuímos futuramente para a discussão com análises e hipóteses nossas.

REFERÊNCIAS

ALEZA IZQUIERDO, Milagros; ENGUITA UTRILLA, José María (coord.). **La lengua española en América: normas y usos actuales**. Primeira edição. Valência: Universitat de València, 2010. 654 p. Disponível em: <http://www.uv.es/aleza>.

CARAVEDO, Rocío. Polisemia o variación: el caso de hasta en español. *In*: LASLOP, María Eugenia Vázquez *et al.* (ed.). **De la lengua por sólo la extrañeza: estudios de lexicología, norma lingüística, historia y literatura en homenaje a Luis Fernando Lara, volumen 2**. Cidade do México: El Colegio de México, 2011, p. 721-752. Capítulo acessado em formato digital na plataforma JSTOR. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv6jmwp4.12>.

CUERVO, Rufino José. **Apuntaciones sobre el lenguaje bogotano**. Bogotá. Impresso por Arnulfo M. Guarín, 1867-1872. 526 p. Digitalizado pela Biblioteca Luis Ángel Arango do Banco de la República, Colômbia. Disponível em: <https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll10/id/3928/>.

Diccionario Panhispánico de Dudas (DPD). En línea. Segunda edición (versión provisional). Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/>.

DOMINICY, Marc. La evolución del español *hasta* en Hispanoamérica. **Anuario de Letras**, Cidade do México, v. 20, p. 41-90, 1982.

LOPE BLANCH, Juan Miguel. Precisiones sobre el uso mexicano de la preposición hasta. *In*: LOPE BLANCH, Juan Miguel. **El Español Americano**. Cidade do México: El Colegio de México, 2008, p. 47-80. (Trabajos reunidos). Artigo publicado originalmente em 1990. Disponível em: <https://repositorio.colmex.mx/concern/books/m039k570t?locale=es>. Acesso em: março 2024.

MIYOSHI, Jun-Nosuke. Sobre el uso peculiar americano de hasta. **Anuario de Letras**, Cidade do México, v. 42-43, p. 161-179, 2006.

MIYOSHI, Jun-Nosuke. Nueva reflexión sobre el uso particular americano. **Anuario de Letras. Lingüística y Filología**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 121-143, 2015. DOI: 10.19130/iifl.adel.1.1.2013.100. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/anuario-letras/index.php/al/article/view/100>.

Nueva Gramática de la lengua española. Madrid: Espasa-calpe, s.a, 2010.

SÁNCHEZ, Jairo J.G. El origen del español “hasta” y la preposición latina “iuxta” (2003). *In*: **Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española**. Madrid: Arco Libros, 2006, p. 755-766.